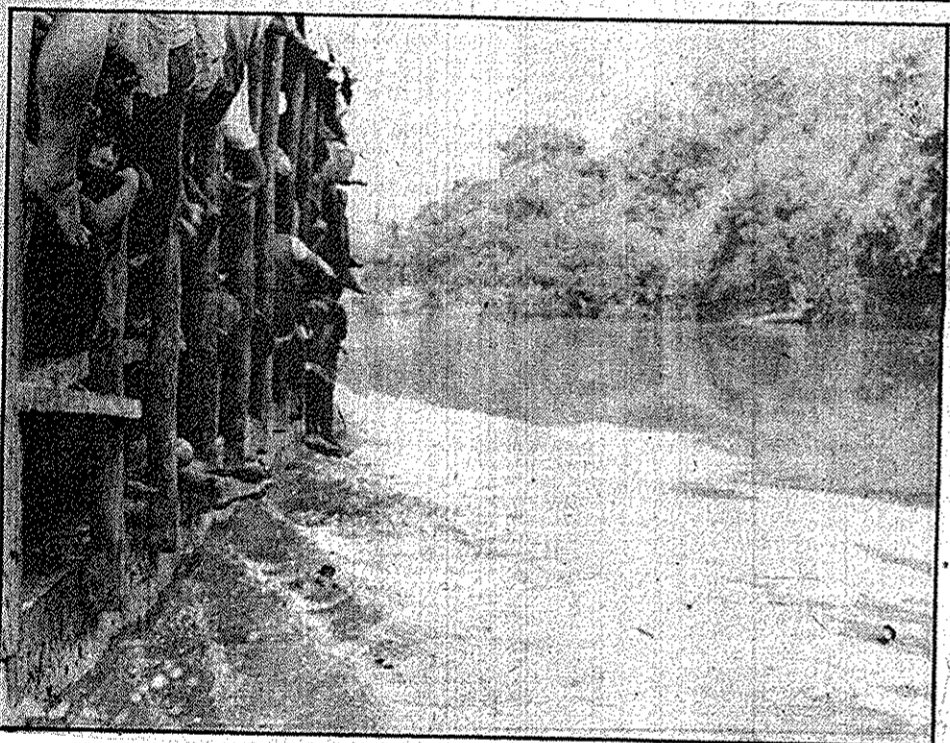
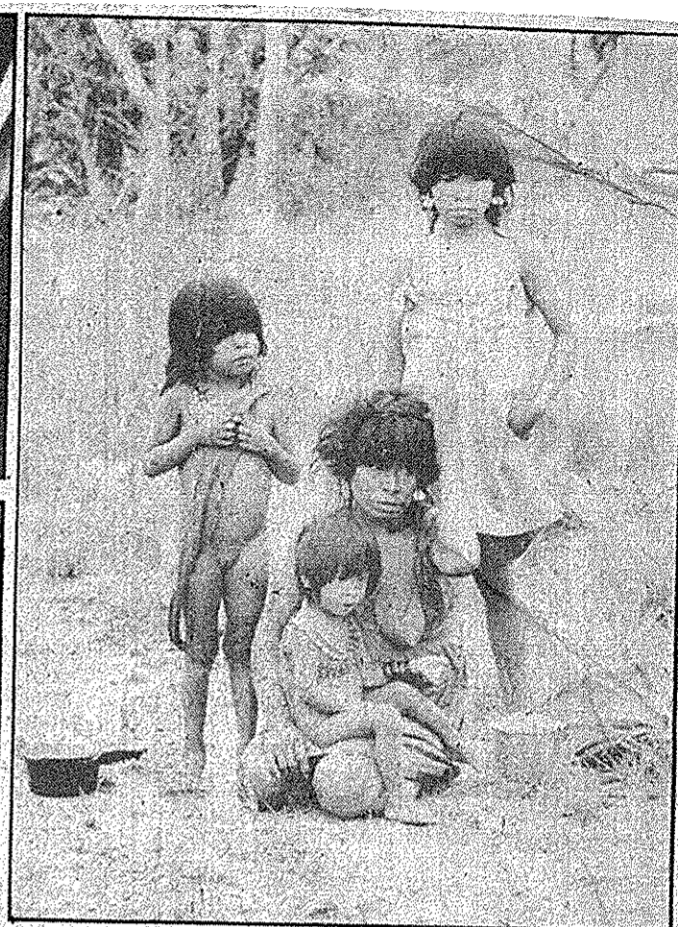


No Centro de Convenções, os índios constroem uma maloca



## Uma semana para eles. Os índios

Andreaza cria um novo estilo dentro da FUNAI: desta vez, os índios ocuparão um lugar de honra dentro das comemorações da Semana do Índio, no Centro de Convenções de Brasília.

Ijalmar Nogueira

Numa iniciativa inédita, o ministro do Interior, Mário Andreaza, deixa seu gabinete em Brasília para, em pessoa e acompanhado de comitiva oficial, convidar os chefes das Nações que integram o Parque Nacional do Xingu, em Mato Grosso, para participarem das comemorações da Semana do Índio, que começa nesta terça-feira, dia 13. Ao contrário do ano passado — quando esses chefes, convocados para audiência de trabalho sobre problemas relativos a sua gente, que não houve, foram expostos como curiosidades —, este ano eles comparecerão (se aceitarem o convite do ministro) como chefes de suas Nações e como tal receberão as honras cabíveis.

O ministro Andreaza será recebido como visitante ilustre no Parque Nacional do Xingu. Assiste ao Huka-Huka (um dos mais belos espetáculos da cultura local) além de danças e rituais próprios para a ocasião. Com isso ele inaugura um novo estilo na diplomacia da FUNAI, desgastada — ainda — pelos episódios armados que envolveram os índios Txukarra-mãe, em agosto de 80, quando morreram 11 peões, e pouco depois os Gorotire, no sul do Pará, com 20 mortes, inclusive crianças. Esses fatos, já distanciados e arrefecidos pela poeira que cobre com rapidez a memória nacional, por si só dariam suporte para a importância dessa viagem ministerial.

Há, porém, motivos mais recentes para justificá-la e estes não são menos graves que um confronto aberto pela defesa da posse da terra. Há cerca de um ano apenas, foram contatados os índios Arara, no Estado do Pará, hoje localizados nas proximidades de Altamira, onde, há menos de um mês, vários deles

morreram de complicações provocadas por um surto de gripe. Entre julho e agosto do ano passado, também morreram 28 Yonamami e 9 Macuxi, em Roraima, do mesmo mal. No Xingu, a gripe e suas complicações, principalmente coqueluche, vitimou 16 pessoas.

Mas a política da FUNAI se redimiou com os Tapirape, de Santa Terezinha (Banana), no Mato Grosso, revogando portaria do presidente anterior, devolvendo-lhes assim as terras confiscadas, ato que consagra uma postura no mínimo realista.

Isso ocorreu em agosto do ano passado. Vale lembrar porque veio depois da última comemoração do 19 de abril. Para este ano, a FUNAI mobilizou vários setores na montagem de uma festa maior para o "Dia do Índio", como que para tributar a ele o respeito recusado pela falta de decisões efetivamente eficazes na solução do problema das terras, sem dúvida alguma um assunto crucial e delicado para um País em franco processo de ocupação. De qualquer forma, reverenciar o Índio num dia do ano não chega a ser glorificante.

### ARTE INDIA OU ARTE-SANATO INDÍGENA?

O 19 de abril encerra uma semana que começa dia 13, com vários acontecimentos. O principal deles, naturalmente, é a III Moitará — Exposição e Feira de Artesanato Indígena, uma mostra de peças da cultura Wayana-Apalai (Tumucumaque) Nação do norte do Pará e Amapá, que enviam representantes para montarem uma maloca em tamanho natural e com os materiais autênticos, especialmente para essa mostra. E mais audiovisuais sobre os aspectos gerais dessa cultura além de representação, com peças e artesanato de diversas comunidades. "Moitará", no dialeto Kamyurá, define a

modalidade de comércio dos índios do Xingu, que não admite outro tipo de transação que não seja a simples troca de objetos, segundo determinam os ritos cultivados pelas tribos daquela área.

E importante, a propósito, distinguir Arte Índia do artesanato semi-industrial que se pratica hoje em todo o País, para satisfazer o comércio estabelecido pelas filiais estaduais da EMBRATUR, e que não apresentam mais, com fidelidade, os caracteres que um dia contaram a história de populações através de seus hábitos e crenças. Contrariamente a Arte Índia, não obstante a interferência negativa das missões religiosas que gerenciam uma perigosa comercialização, ela mantém suas raízes e não deve ser apreciada de acordo com os padrões da arte convencional. O Índio jamais pensou em mercado de arte, pelo simples fato de desconhecê-lo — em primeiro lugar. Sua arte teve sempre um caráter utilitário, prático e por isso manuseia materiais que possibilitam a confecção de objetos destinados ao uso diário, seja nas tarefas domésticas, seja nos rituais da tradição religiosa e guerreira, ou simplesmente como enfeites, porque o Índio é muito vaidoso. Tudo porém é feito com uma finalidade específica ou um significado especial.

O culto da vaidade, principalmente dos homens, faz parte da vida do Índio, que se esmera permanentemente em detalhes da aparência, no corte dos cabelos e adornos com tintas ou objetos que eles mesmos produzem. Mas isso se intensifica mais em ocasiões de festa, cultivadas pela tradição rigorosamente mantida, como os casamentos e as várias comemorações marcadas por um calendário que não abre espaço para o 19 de abril, que é uma data inventada pelo bran-

co. Eles, no entanto, não se furtam à participação.

Dois outros acontecimentos da Semana do Índio merecem destaque. Uma exposição de pintura do artista plástico José Coelho ("Tributo a Rondônia e à Semana do Índio/82", na Galeria do Teatro Nacional), também a partir do dia 13, e o lançamento do livro "A Verdade sobre o Índio Brasileiro" da Guavira Editores, mas sem autor definido. Sobre o primeiro, os quarenta anos de convivência do artista com o Índio, promete revelações gratificantes, até mesmo porque José Coelho tem precedentes de premiação (duas vezes) no Salão Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, e em exposições em Minas Gerais e Distrito Federal. Não se trata, portanto, de um ilustre desconhecido.

Sobre o livro, só se pode desconfiar de suas 64 páginas dedicadas em cerca de 80% a ilustrações quase sempre gratuitas e a um texto raso e banal. A verdade sobre o Índio brasileiro dificilmente estará naquelas fotos que mostram, em sua maioria, uma felicidade pouco comum à realidade incômoda das nações índias permanentemente ameaçadas pela invasão branca.

Aos interessados nos problemas do Índio brasileiro, recomenda-se, para uma visão inicial, porém sincera, dois livros básicos: "Os Índios e a Civilização", de Darcy Ribeiro (Editora Vozes) e "Povos Indígenas do Brasil", que integra uma coletânea de 18 volumes, que aborda diferentes aspectos do assunto. Esse trabalho de fôlego, leva a assinatura de vários autores, entre antropólogos, sociólogos, geógrafos e historiadores, sob a coordenação do Centro Ecumênico de Documentação e Informação — CEDI. Ambos estão nas livrarias durante todos os dias do ano.